a voz de ti

Director: Fernando de Almeida do Carmo

Corpo redactorial

DIRECTOR: Fernando de Almeida do Carmo. CHEFE DA REDACÇÃO: Borja da Costa. REDACÇÃO: Júlio Alfaro, José Alexandre Gusmão. Rodrigues Pereira, Reis Santos. REPÓRTER FOTOGRÁFICO: Fernando de Oliveira. CORRESPONDENTES: Domingos Zeferino dos Santos (Metinaro); Edmundo Fernandes (Ataúro); António da Conceição R. Araújo (Manatuto); Afonso do Rego (Laclubar); António Amada Guterres (Laclo); Francisco P. Viana (Quelical); Aleixo Guterres (Venilale); Sebastião Aparício Guterres (Baguia); Elias Martins (Laga); Paulo Soares (Vemasse); Anacleto Moniz (Iliomar); João Caetano (Lautém); Valentim Francisco S. Ferreira (Luro); João Ernestino de Andrade (Lospalos); Luis Francisco A. Soares (Viqueque); Júlio Pires (Uato-Lari; Braz Rangel Ferreira (Uato-Carbau); João Coimbra (Ossú); Miguel Soares (Laciuta); Renato Jorge de Meneses (Aileu Lauiara, Lequidoe); Zito da Costa (Remexio); Gregório de Jesus (Maubisse); Gaspar de Deus Pereira (Turiscai); Celestino Tilman (Same); Francisco Xavier da Costa (Alas); Júlio Verdial (Faio-Berliu); João César Corte Real (Hato-Udo); Claudino Vieira (Suai); Cipriano Augusto (Maliana); Martinho Afonso (Balibó); Jacinto Hermenegildo Soares (Atsabe); Luis Viana (Cailaco); Luis José de Oliveira (Lolotoi-Lebos); João Barreto (Bobonaro); Paulo Cabral (Ermera); Gabriel da Costa (Railaco); João Martins Marcelo (Hatolia);

Timor

Segunda 28 de Julho
1975
ANO XVI • N.º 789
Preço 5$00

JORNAL DO POVO PARA O POVO

Alexandre da Cruz (Atsabe); Carlos de Deus (Lete-Fohe); Salvador Tilman (Liquiçá Anselmo dos Santos (Maubara); Liong Vi Seng (Bazartete); Ambrósio Bano (Oé-Cusse); Patrício Rebelo (Nitibe); Domingos Corbafo (Oé-Silo); Felix de Andrade (Pásabe).

COLABORADORES ESPECIAIS: Dr. Martinho; Ten. Dorbalino dos Santos, Dr. Figueiredo, Dr. Seabra Figueiredo da Cruz. CARICATURISTA: João Soriano.

ADMINISTRAÇÃO: Gaspar Guterres, Evaristo Amaral, Alberto Cárceres António Freitas.

DIRECÇÃO TÉCNICA — Corte Real

COMPOSIÇÃO — Sebastião Lopes.

IMPRESSÃO — Norberto Pereira, Aleixo Freitas.

PAGINAÇÃO — Mário Soares, Gregório Rego, Tomás Soares, Mário Araújo, Moisés Oliveira.

COMPOSTO E IMPRESSO: IMPRENSA NACIONAL DE TIMOR

TL7072

Contos e Lendas de Timor

Por

J. A. Gusmão

O Sub-Mundo da Magia Timor

Um manto prateado estendia-se em toda a encosta e pela planície fora, varrendo as trevas para debaixo das ramadas onde a irrealidade se sentia à flor da pele numa sensação intrigante, mescla de temor e solidão que surocava.

Histórias velhas contadas em serões que se alongavam noite adiante, saboreadas com o mastigar lento do bétel e areca, no aconchego da lareira de raminhos secos a estalar de inconformismo, em que o fumo mal cheiroso tinha o condão de inebriar aqueles espíritos simples, histórias antigas, fantasmagóricas, tomavam existência em cada curva do atalho, em cada nesga de sombra.

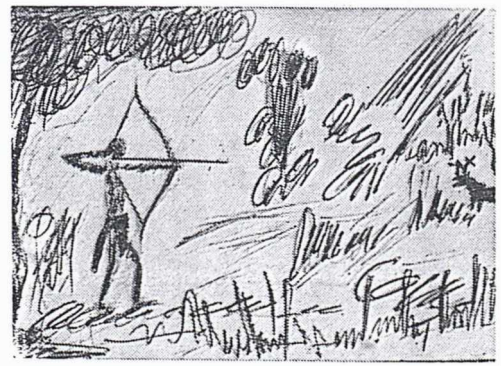
Aquele moço que tão bem conhecia aquela região e de cada árvore, em dias de sol a queimar, saboreava as delícias da frescura da brisa quente, naquela noite em que jurou a si mesmo provar num acto de audácia, aliás numa singela demonstração aos olhos daquela de quem tanto se enfeitiçou, teve medo, sentiu um adormecimento nas pernas e perturbou-se de tal maneira que ali ficou cravado, estupefacto.

Uma impressão angustiante se apoderou dele. Levantou os olhos ao céu e viu brilhar aquele disco branco e na sua conturbada mente pediu que crescesse, que brilhasse mais, afugentasse as sombras, desse vida à natureza adormecida. E reparou que a fêmea do sol resplandeceu por instantes e lhe sorriu com a compreensão e bondade de que os espíritos do alto são característicos. E a asfixia que o atordoava evaporou-se mas no silêncio da noite a respiração mal contida soava como o rufo de um tambor.

Espraiou a vista e na solidão do ermo sentiu-se imensamente pequeno, incapaz de prosseguir nos seus intentos. Uma voz interior incutiu-lhe ânimo e em cada pedra, em cada ramo, em cada planta descobriu os seus amigos do dia-a-dia, os quais ele maltratava com pontapés, com puxões, e algumas poucas vezes, com afagos às flores cuja fragância e

num esvoaçar curto e baixo se sumiu mais adiante. O ruído provocado acordou um mocho que dum tamarindeiro espesso mudou de pouso e mais atrás começou a agourar num pio lancinante e medonho que arrepiava. Mas o rapaz estava embevecido, resoluto a alcançar o êxito que seria não só uma manifestação de coragem, da capacidade de enfrentar sòzinho o perigo, de resolver por si as dificuldades, mas numa demonstração que era um apelo àqueles olhos bonitos, àquele corpo dócil, àquele falar suave, àquele andar vistoso que ele adorava.

De olhar sempre perscrutador, agora apressava o passo, esgueirava-se aqui e além com agilidade felina. Rosto sereno, alongava o pescoço para um e outro lado, tronco másculo que se dobrava ou se endireitava, seus dedos apertavam a azagaia numa união



de compromissos. Chegou ao topo do monte. Parou. Um cheiro acre a capim queimado encheu-lhe as narinas. Esperaria? Queria mentalmente responder à pergunta mas escureceu de repente. Sobressaltou-se. Estava ao lado de um palavão. Juntou as costas à árvore e ficou quieto. Sem barulho, puxou pelo parão. F preparou-se, para o que desse e viesse. Lá em cima, uma densa nuvem passava, num caminhar descontrolado, sem destino. A lua

cinzento escuro avermelhado, acasalamento das cinzas voláteis que revoluteavam a cada sopro para levantar a chama que se escondia envergonhada e da terra da sua horta — pouso das suas canseiras e das suas esperanças. Ao lado, em posição de êxtase, não de meditação ou adoração a algum ser divino, mas lassidão do corpo a corresponder a voos de imaginação que, naquele momento, em alucinações que diligenciavam em acompanhar a par e passo e a bom termo a decisão do filho, estava a mãe.

Uma voz cava cortou aquele ambiente cismático:

— Queres crer que não tarda muito o Mau Coli aparece por aí de mãos a abanar.

— Sim, duvido muito que consiga os seus intentos, embora eu queira de todo o coração que ele possa desenvencilhar-se do que se propôs a cometer.

— Não, Bi Buic, o que está fadado, está fadado. Nós, os homens, se não obedecermos às leis, se não nos curvamos às vontades dos espíritos estamos comprometidos a voltá-los contra nós e qualquer acção que não seja cumprida à sombra benigna dos bons deuses, está identificado com o insucesso.

sitou o tabaco. começou a enrolar, a fazer o seu cigarro que lhe saiu do tamanho de um charuto. Guardou ao lado, em cima de uma pedra. Rasgou da casca do milho uma fita com que atou o cigarro pelo meio. Estendeu a mão e levou para si um raminho cuja ponta prontamente acendeu o tabaco. Aspirou profundamente o fumo. Abanou a cabeça. Sentiu como que um exército de formigas lhe estivesse a roer a garganta. Pensou que tinha de levar um porco (oh! aquele, sem dono, servia-lhe os desejos) para o tio-da-mãe-do-sobrinho-da-tia-da-prima-da-mulher, que desde há muito ia vender o seu tabaco em Dili, sim, havia de lhe levar aquele animal, que em tempo de colheita, lhe dava muitas dores de cabeça, muitas noites de insónia. Pedir-lhe-ia, depois, em retribuição o favor de ensinar a confeccionar um bom tabaco que lhe não desse cabo da garganta. Mas, lembrou-se, havia de lhe prometer que era só para o seu consumo e que não ambicionava fazer concorrencia aos negocios do velho, tanto é que só tinha uns pés lá atrás da casa.

— Eu vou dormir — disse a mulher e, levantando-se, desatou a lipa que lhe circundava a cintura e puxou para cima cobrindo-se até ao pescoço.

— Vai, se tens sono. Eu espero por ele.

Ouviu-se a seguir o ranger do lantém de bambú que acolhia aquele ser franzino que se dispunha a gozar, na dureza do seu leito, as delícias de um sono reconfortante. Uma ratazana, que momentos antes, roía indolentemente uma espiga de milho espetada na palapa, esgueirou-se sorrateira para o seu refúgio construído no tecto entre dois travessões que servindo de alicerce lhe davam firmeza.

sombrado apenas pelo ar acabrunhado da inoperancia dos outros concorrentes, entre o aplauso dos anciaes e vitoriado pelos olhares timidos e vaidosos, ao mesmo tempo, das donzelas que chamavam, intimamente e caca uma para si, a concorrência do outro jogo da vida. Mas ele podia jurar que naquelas ocasiões só conseguia haurir a fragrância na fragilidade de um corpo que tanto admirava e que, triste sina!, nem parecia dar importância aos seus feitos.

Retesou os músculos, susteve a respiração e apoiando-se no pé esquerdo que fincara à frente, foi levantando devagar o calcanhar direito e todo o gesto, o mínimo movimento obedecia à coordenação do corpo com o pensamento num amplexo de força, de vontade.

Enevoou-se-lhe a vista por ínfimo espaço de tempo, como se fu-

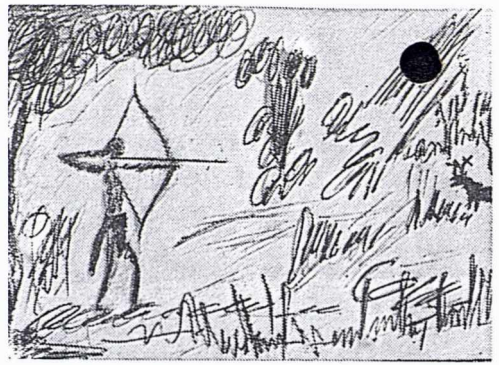
das suas preocupações, seguiu a pista. Notou que num trote leve e compassado o animal se dirigia ao regato que escorria pela outra vertente. Ocultando-se aqui e ali foi-se aproximado e num impulso rápido mas controlado, arremessou a azagaia. O selo da morte, a sentença cruel estava no veneno com que tinha embebido a ponta da azagaia. Era fatal, sentiu que naquele instante estava a ser mais certeiro que nunca. E que a lança, varando-lhe lado a lado, cortar-lhe-ia a vida no coração trespassado. E ele só tinha que se alegrar com isso, relegando ao esquecimento o pesadelo que estava a viver.

Porém o seu espanto não teve limites e aquele jovem que era um quadro de força, de querer indómito, abateu-se com o impacto cruel da realidade. Suas pernas vergaram e o seu arcaboiço tornou-se flácido, os braços penderam descontrolados. A cabeça descaida formava com o conjunto a imagem da derrota, numa estupidificação cómica de quem se entrega, ciente da sua inoperância perante outra força, neste caso, perante o poder das trevas. Encolhido na sua fraqueza, nem sabia pensar. Tudo aquilo massacrava-lhe a mente. Com supremo esforço conseguiu o olhar para o local do «crime». Caída, até numa expressão em que se podia ler desapontamento, estava a sua azagaia. O veado, a este já nem ligava, tinha seguido o fio da água que corria, indiferente aos estranhos acontecimentos, ladeira abaixo. Olhou para a lua, única testemunha daquele desaire. Lá do alto parecia acenar-lhe com compreensão. Quase se lhe ouvia a voz: Vai-te rapaz. Volta para a casa, que não tarda muito eu vá dormir. Repa-

Um dos trabalhos premiados no Concurso Literário promovido pelo CIT

Um dos trabalhos premiados no Concurso Literário promovido pelo CIT

frescura da brisa quente, naquela noite em que jurou a si mesmo provar num acto de audácia, aliás numa singela demonstração aos olhos daquela de quem tanto se enfeitiçou, teve medo, sentiu um adormecimento nas pernas e perturbou-se de tal maneira que ali ficou cravado, estupefacto.



Uma impressão angustiante se apoderou dele. Levantou os olhos ao céu e viu brilhar aquele disco branco e na sua conturbada mente pediu que crescesse, que brilhasse mais, afugentasse as sombras, desse vida à natureza adormecida. E reparou que a fêmea do sol resplandeceu por instantes e lhe sorriu com a compreensão e bondade de que os espíritos do alto são característicos. E a asfixia que o atordoava evaporou-se mas no silêncio da noite a respiração mal contida soava como o rufo de um tambor.

Espraiou a vista e na solidão do ermo sentiu-se imensamente pequeno, incapaz de prosseguir nos seus intentos. Uma voz interior incutiu-lhe ânimo e em cada pedra, em cada ramo, em cada planta descobriu os seus amigos do dia-a-dia, os quais ele maltratava com pontapés, com puxões, e algumas poucas vezes, com afagos às flores cuja fragância e cor variegada era um embelezamento típico de mato rasteiro. E jurou solenemente que as carícias bruscas com que ele os mimoseava as mudaria e de cada vez que se lembrasse lhes daria o ósculo de agradecimento. Olhou para trás e uma chama mortiça que reavivava ao bafejo da brisa húmida indicou a posição da sua cabana que mal encobria os segredos do lar aos olhares irriquietos das estrelas. Reparou então que não tinha andado muito e sem se aperceber retomou o caminho e convergindo o pensamento no objectivo que era a razão da sua aventura, começou a sondar o terreno.

Desfrutando, aparentemente, de uma certa tranquilidade de espírito, em passos seguros de jovem robusto desviou-se do atalho que lhe parecia uma gigantesca corda branca deixada cair do alto e que pousava em contorções em toda aquela encosta. Internou-se na vegetação baixa. Agora já afastava os ramos que lhe impediam a passagem com cuidado, com amizade. O parão que trazia à cintura, envolvido num resguardo de pele de cabrito, foi rejeitado como instrumento mais eficaz para abrir caminho. Andava devagar, contornava cada árvore de que se aproximava com estremecimentos súbitos, ladeava cada saliência rochosa enegrecida pelas intempéries.

Dum emaranhado espinhoso que lhe rasgou a carne fazendo gotejar o sangue quente e que lhe provocou uma imprecação em voz alta, saiu veloz um cordorniz de apetitosa carne e que de compromissos. Chegou ao topo do monte. Parou. Um cheiro acre a capim queimado encheu-lhe as narinas. Esperaria? Queria mentalmente responder à pergunta mas escureceu de repente. Sobressaltou-se. Estava ao lado de um palavão. Juntou as costas à árvore e ficou quieto. Sem barulho, puxou pelo parão. E preparou-se, para o que desse e viesse. Lá em cima, uma densa nuvem passava, num caminhar descontrolado, sem destino. A lua espreitou aos poucos e sorriu outra vez ao jovem pela partida que aquele aglomerado de algodão etéreo pregou. Ele, então, viu a sua posição de defesa, de parão em punho e riu-se do ridículo em que caira. Piscou um olho àquele ser luminoso a pedir cumplicidade e brandiu o seu instrumento de morte ameaçando a nuvem que se fazia e desfazia em formas airosas, mas nos seus lábios o calor de um sorriso puro aceitou a brincadeira. Recolocou a sua arma na bainha e prosseguiu nas suas pesquisas.

Apurou os ouvidos e sentiu muito próximo o roer característico do capim. Agachou-se e em posição incómoda pôs-se a rastejar. Levantou a cabeça, olhou em redor. Nada. Calculou que estivesse mais em frente. Rente ao chão, avançava, parava, farejava, prosseguia. Ainda nada. Perdeu-se o rumor, a pista. Lentamente ergueu-se. Instantes depois tornou a ouvir, com mais nitidez. Afinal errara nos cálculos, pois o animal encontrava-se mais à direita, à distância de uns cinquenta passos.

Ali estava ele, soberbo, mas num relaxamento que se compreendia.

* * *

Na escuridão que a fogueira trémula adoçava com um crepitar monótono, vislumbrava-se um corpo forte, mas curvado pelo peso do tempo e que se entolhia sob uma manta que perdera as suas cores para dar lugar a um queira de todo o coração que ele possa desenvencilhar-se do que se propôs a cometer.

— Não, Bi Buic, o que está fadado, está fadado. Nós, os homens, se não obedecermos as leis, se não nos curvamos às vontades dos espíritos, estamos comprometidos a voltá-los contra nós e qualquer acção que não seja cumprida à sombra benigna dos bons deuses, está identificado com o insucesso.

— Não sejas o mocho que pia de noite a chamar os nossos espíritos para o banquete com os feiticeiros na rocha sagrada da jibóia lúlic. Não sejas o corvo feio que no dia seguinte vem comer a nossa carne, Daha Loi. Olha que estás falando do teu filho.

— Nada receies, Bi Buic. Talvez seja melhor eu ir ter com ele... Não, não vou, ele não gostaria.

— É verdade, embora a fraqueza de mãe me queira obrigar-te a fazê-lo. Mas não vás.

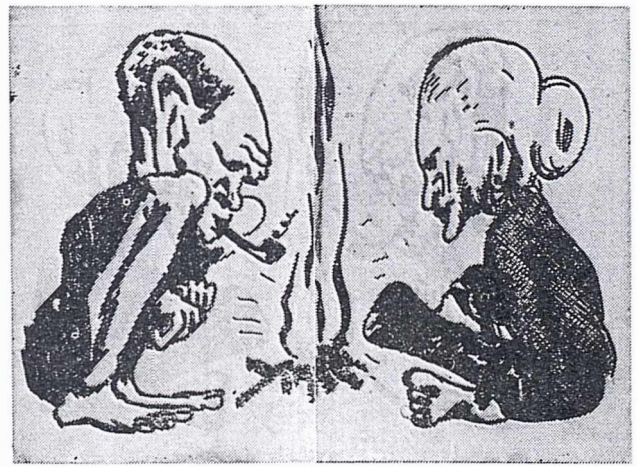
Lá fora um porco bravo afocinhava a terra, à cata de mandioca. As suas dentuças partiam, esmigalhavam as raizes, com força, alheio à proximidade de estranhos, num estardalhar de quem está saboreando uma refeição intemperante, à vontade, sem pressas, com a satisfação de quem sabe que tem a dispensa cheia por semanas ou até meses. Um cabritinho, aconchegado ao calor da mãe, acordou e logo juntou a boca às tetas — fonte da sua sustentação, numa réplica ao intruso que o assustara.

O homem nem se mexeu. Mentalmente foi dizendo: engorda-te para quando eu precisar. Tirou duma lata velha, que antes servira para conter tabaco estrangeiro, loirinho, perfumado (como lhe contou o china que lha cedeu, um dia, em troca de uma meia dúzia de ovos) uns filamentos grossos, escuros que pôs na palma da mão. Dumas cascas de milho, caídas ao pé, escolheu a melhor, cortou-a com os dentes, humedeceu-a com a língua avermelhada pela masca e lá depobaco que lhe não desse cabo da garganta. Mas, lembrou-se, havia de lhe prometer que era só para o seu consumo e que não ambicionava fazer concorrência aos negócios do velho, tanto é que só tinha uns pés lá atrás da casa.

— Eu vou dormir — disse a mulher e, levantando-se, desatou a lipa que lhe circundava a cintura e puxou para cima cobrindo-se até ao pescoço.

— Vai, se tens sono. Eu espero por ele.

Ouviu-se a seguir o ranger do lantém de bambú que acolhia aquele ser franzino que se dispunha a gozar, na dureza do seu leito, as delícias de um sono reconfortante. Uma ratazana, que momentos antes, roía indolentemente uma espiga de milho espetada na palapa, esgueirou-se sorrateira para o seu refúgio construído no tecto entre dois travessões que servindo de alicerce lhe davam firmeza.



* * *

Ao Mau Coli afluiram-lhe fugazes passagens da sua ainda curta vida, breves momentos que construíram nele, pedra a pedra ou melhor, fase por fase, a confiança em si próprio, na sua destria de atirador exímio de azagaia. Pensou que agora não falharia, tantas vezes o provara quando sentenciava de morte algum javali que rondasse a sua horta. Tantas outras vezes em provas no redondel da guarda da povoação, com jovens da sua idade, firmou a sua superioridade, no meio do delírio dos miúdos, enmo de tabaco se tratasse. Fechou as pálpebras e para surpresa sua quando incidiu o olhar para o sítio onde o veado se encontrava, não o viu. Ficou perplexo e não acreditava no que lhe estava a suceder. Tremeu por instantes, não de medo, mas da incerteza de quem acorda de um sonho negro e pergunta a si mesmo se foi verdade. Relanceou a vista e deu com ele, mais ao lado, absorto na sua tarefa de sobrevivência. Fechou demoradamente as pálpebras, abriu os olhos, o veado pastava... inacreditável e sucedeu-lhe a ele.

Repetiu a operação e desta vez... pois, desta vez não lhe escaparia. Contudo no último instante quando a azagaia, obedecendo ao impulso do braço, ia largar o vôo mortal, deparou-se com o vazio. Já o veado, por vias que ele não entendia, tinha-se deslocado do lugar.

Mas por que bruxaria lhe estaria a fugir o animal? O mistério daquelas cenas proporcionou-lhe um mal-estar e um arrepio percorreu-lhe a espinha e sentiu a nuca a pesar-lhe, a crescer-lhe. Pensou que maus espíritos lhe estivessem a entravar as intenções. E, curvando-se pediu aos bons lúlics que lhe ajudassem naquela tarefa simples. Apanhou uma pedra e atirou-a para o veado, que se assustou e numa corrida desvairada saiu-lhe do alcance visual. Retomou confiança e rindo-se interiormente pernas vergaram e o seu arcabouço tornou-se tíácido, os braços penderam descontrolados. A cabeça descaída formava com o conjunto a imagem da derrota, numa estupidificação cómica de quem se entrega, ciente da sua inoperância perante outra força, neste caso, perante o poder das trevas. Encolhido na sua fraqueza, nem sabia pensar. Tudo aquilo massacrava-lhe a mente. Com supremo esforço conseguiu o olhar para o local do «crime». Caída, até numa expressão em que se podia ler desapontamento, estava a sua azagaia. O veado, a este já nem ligava, tinha seguido o fio da água que corria, indiferente aos estranhos acontecimentos, ladeira abaixo. Olhou para a lua, única testemunha daquele desaire. Lá do alto parecia acenar-lhe com compreensão. Quase se lhe ouvia a voz: Vai-te rapaz. Volta para a casa, que não tarda muito eu vá dormir. Repa-

rou então que se não se apressasse teria escuridão no seu regresso. Levantou-se sem energia, lentamente e foi apanhar a azagaia. Examinou-a e num gesto consolador, apertou-a ao peito, com carinho e murmurou-lhe baixinho: Se sofres, eu sofro ainda mais.

E encetou o caminho do regresso. Não queria pensar em tudo aquilo de que fora espectador e protagonista. Se alguma vez lhe contassem, não acreditaria... ou acreditaria... não, para

(Continua na pág. 6)

3ª

O Sub-Mundo da Magia Timor

(Continuação da pág. 4)

que não dissessem que inventava, a ninguém contaria. Anão ser aos pais, sim, a eles tinha que narrar para poder desvendar o inacessível à sua mente de inculto, de pobre. E lembrou-se das vezes que ia à povoação e aí encontrava moços com ele e que tinham ido à escola. Mas já não podia e até contavam que os mestres batiam. Não fez ele bem em não ter ido? Os outros se foram, desistiram. A sua vida não era aquilo. Tinha que cultivar, semear, colher para comer. Ah!, lembrou com satisfação, já estava na idade de ir parar à tropa. Uns desmobilizados. Eles eram Isto, sim, na povoação havia alhomens, tinham conhecimentos, contavam coisas lindas. E sabiam falar a língua dos malaes. Era dura aquela vida, mas ele era forte. Pois, havia de lhe chegar a vez. E traçou projectos. A sua... sua? A linda Cassa Bui o aceitaria para marido? E teriam a sua casa, a sua horta, porcos cabritos, dois cavalos não, um cavalo e uma égua e... teriam filhos e viveriam felizes na sua pobreza. Na tropa ganhava-se dinheiro, havia de o aguardar para comprar isto tudo. A Cassa Bui pertencia a uma família com mais bens.. O pai, lá para o sopé do monte Ida Lete, tinha várzea, búfalos, cavalos, cabritos. Era pensar demais. E ele era pobre.

Na verdade a sua horta de milho, onde também cultivava batata, mandioca, feijão, abóbora e outras coisas, era pequena mas aumentava ano a ano. E naquele vale residiam poucas famílias. Não havia ainda o problema de limitação de terras. Quem tivesse forças ia-as assenhoreando. Os seus coqueiros estavam a vingar. Cresceriam e dariam frutos. O pai tinha dinheiro, pouco, mas tinha-o e aguardava-o sigilosamente. Tantas vezes não tinham ido ao posto vender os seus produtos. Para que estaria ele a guardá-lo? Sem dúvida que seria para ele pois era o único filho.

Sem dar por isso, tinha chegado a casa. Lá estava o pai à sua espera.

— Como é, não trazes nada?

— Nada, pai. Foi terrível e ainda tremo a pensar nisso.

— Conta lá. Já advinhava que algo de anormal se passou, pois vinhas cabisbaixo, calado, sem pressas.

— A verdade é que parece que fui transportado pelo vento. Nem senti a distânica.

— Mas, diz lá. A tua mãe andava preocupada e quando assim acontece... Lembras-te daquela voz...

— Sim, lembro-me — interrompeu o filho. — Está a dormir?

— Foi para a cama há bastante tempo. Mas...

— Factos inacreditáveis... — assim o MAU COLI descreveu minuciosamente as situaçoes-que o apavoraram.

— O veado... — repetia o pai.

— Belo exemplar, de sete pontas. Devia ter-se tresmalhado-da manada.

— Pode ser.

— Mas, o mais inveromissível ainda é que, no riacho, a azagaia não lhe penetrou na carne. Ouvi o impacto e a azagaia ressaltou para trás e caiu inofensiva. Não posso acreditar! O pai não imagina o torpoem que me deixei cair, depois de ver aquilo. Beliscava-me e não sentia dores! Tal era a inércia dos meus sentidos!

— Então não imagino, não sei mesmo como é que é isto! nem se pergunta!

— Pai, explica-me lá que se devem estes factos estranhos.

— Não sei. O feiticeiro DAT-ÇOLO deverá saber mas calculo que o veado seja o outro «rai-nain». Bem te dizia eu que, para conquistares uma moça, não é vivendo peripécias deste género, não é provando que tens força ou habilidade, mas trabalhando.

— Certo, pai. Mas o tempo da colheita já passou e muitas luas faltam ainda para a sementeira. Agora nao faço nada, muito menos de noite. Eu... não tenho a certeza de que a CASSA BUI goste de mim. Na povoação disseram-me que, pretendentes tem muitos, mas não se inclina a nenhum. O DAHA LEQUI, meu amigo, tem-me contado... tem-me dado noticias dela. Eu só queria que o meu feito chegasse aos ouvidos dela e conforme as usas reacções o DAHA LEQUI saberá tirar as conclusões e mas dirá.

— Coisas de criança... Já pensaste no que dirão os pais? Na oposição dos familiares? Na diferença de posse? No ruir dos teus sonhos, agora lindos? No vexame por que outros pretendentes procurarão lançar-te? Na tua pobreza e por causa da tua pobreza, esses problemas todos?

— Já pensei em tudo, pai. Por isso mesmo, se ela me ama, o trabalho por mais forçado que seja me será leve, as dificuldades por maiores que sejam em vez de me desanimar, incentivar-me-ão. E na minha pobreza lutarei por ela.

— Está bem, está bem. Tu lá sabes o que queres. Bem viste que os espíritos povoam esta região e contra eles não há força que baste. O feiticeiro te ensinará a cumprires os ritos, os juramentos se necessários, ou a fazer as oferecidas.

— Não, pai não iremos ter com aquele malvado.

— Porquê? — perguntou admirado o pai ao ver o rosto revoltado do filho.

— Porque me insultou uma vez, na povoação, quando, ao ver-me vencer as provas de azagaia e de flecha, me disse para matar cinco galinhas e um porco a fim de agradecer aos deuses terem-me dado a habilidade. Neguei-me a isso e respondi-lhe que a habilidade tinha-a eu adquirido com a prática intensa como o pai sabe.

— «Ta bem. Se quiseres, amanhã ao entardecer, iremos lá os dois e caçaremos o veado. Tenho aqui o remédio para afuguentar os maus espíritos que porventura se tenham apossado do animal. Por que o Dat-Çolo garantiu-me que toda esta região só a sagrada jibóia tinha o seu poder

(Continua na pág. 3)

O Sub-Mundo da Magia Timor

(Continuação da pág. 3)

afastados simbolizavam o número de praticantes que ali habitualmente iam cumprir as suas obrigações.

Em silêncio e com respeito aproximaram-se. Sentaram-se em atitude de prostração o velho despejou do «COHE» tudo o que trazia. Visceras de galinha choca que a mulher degolara de manhã, bétel (frutos e folhas), areca, cal, raízes e uma moeda de cobre. Depois de uns breves momentos de êxtase, seguiram-se cenas de vénias em que mal se percebiam as palavras balbuciadas como intróifo de um grande ritual. Com uma fruta de bétel, areca e cal na boca e ruminando súplicas, de olhar vago para o espesso das folhagens parecia falar com alguém. O rapaz sentia-se num ambiente terrífico e visões estrambólicas ocuparam o seu espírito. O DAHA LOI, impávido, aspergia as raízes com o suco da masca. Tornou a entrar num estado de absorção, sacudido apenas por gesticulações dando a perceber que estava a afuguentar os maus espíritos dos dois corpos e pedia para que os bons os encaminhassem. Após o que ele cobriu a moeda com uma camada de masca. Envolveu-a seguir com as visceras da galinha em folhas largas do bétel que amarrou com cuidado. Depositou o embrulho nas pedras e logo um ventinho se fez sentir e abanou a densa folhagem daquela árvore centenária dando a impressão que o bom travava uma luta contra o mal. O vento ganhou proporções de tal ordem que a terra estremeceu e uma ave enormíssima levantou voo e pairou em cima do gondoeiro. Antes de fugir, emitiu um guincho de uma agudeza indescritível que abalou tímpanos de Mau Coli. Aos poucos a calma refez-se e o velho, satisfeito, pôs-se em pé. O filho que tinha seguido com atenção de quem explora novas regiões, ficou petrificado, imóvel como uma pedra. Esta nova experiência apossou-se dele, subjugou-o. O pai tocou-lhe no ombro e ele, tremendo, repeliu-o, com medo.

— MAU COLI vamos embora.

Sem poder contestar, levantou-se e seguiu o pai.

Mudaram de direcção e o pai conhecedor da rota, levou o filho até ao sítio que este indicara.

— Desta vez os bons espíritos protegem-nos.

O MAU COLI continuava calado, atordoado mesmo. O pai respeitou-lhe o silêncio. A sua experiência advertiu-o da proximidade da caça.

— Abre os olhos, sussurrou o MAU COLI.

Nada receies. Tudo correrá bem. Já que estamos aqui os dois vais por ali para poderes visá-lo de flanco que eu espero ao pé daquela moita calculo que fugirá por aquele lado.

Separaram-se. Já desenvolvido do pensamento o MAU COLI experimentou aquela sensação que antecede ao calor da luta. Retesou os músculos e com extremo cuidado chegou ao local mais propício. O pai munido de outra azagaia preparava-se.

O veado deu um salto e caiu para a direita. Ergueu-se e começou a ziguezaguear em direcção ao velho. E zás!, outra ponta se internou no ventre. Cambaleando prosseguiu na fuga. O Mau Coli desembainhou o parão e em saltos rápidos alcançou o animal já sem forças. Voutou-se ferroz no seu olhar ia defender-se. Parecia um touro bandarilhado.

O MAU COLI aproximou-se devagar e num salto para o lado. desfechou o pesado e cortante parão no cachaço, do animal que tombou.

Ali, naquela massa de carne a gorgolejar de sangue e que estremecia ainda exalando abafados suspiros, estava, além da prova incontestável da sua destria mais ainda e principalmente o contacto com o irreal, o inacessível, a magia da sua terra.

José Alexandre Gusmão

O Sub-Mundo da Magia Timor

(Continuação da pág. 6)

sobre nós, como «rai-nain» e espírito terrestre. E nós temos cumprido com as nossas obrigações. Quantos cabritos quantos porcos, desde que para cá viemos, constituíram as nossas oferendas e eu não me esqueço de, em todas as luas cheias, fazer o ritual por nós os três. E agora vamos dormir.

Uma humidade penetrante acordou o velho, que enrolando-se mais na manta se foi sentar à lareira. Separou os ramos e tirou as cinzas. Juntou mais lenha, mas a seguir levantou-se para meter, por debaixo, cascas de milho desfeita em tiras que prèviamente amassara. Tirou de «cohe mama» uma pedrinha escura. Remexeu mais o fundo do saco e trouxe à luz um pedaço de arame encurvado que segurou do lado mais longo. Extraiu também um bocado de algodão escuro (substância análoga e com menos consistência, extraída do gamute). Juntou-o à pedra numa mão e com a outra começou a roçar, a bater com força o arame à pedra. Saltaram faíscas que logo pegaram fogo ao gamute. Manteve-o assoprando enquanto guardava os instrumentos. Tornou a levantar a lenha e depositou o gamute na casca de milho. Lentamente e numa operação cansativa obteve chama suficiente que queimava os raminhos.

A mulher ao sentir o clarão do fogo foi-se juntar ao marido. Momentos depois o Mau-Coli, ainda atordoado, com os acontecimentos da véspera, reuniu-se aos pais e, ao calor da lareira, comentaram os factos e fizeram as previsões.

Assim, mais um dia passou naquela cabana. O Mau-Coli esperou com impaciência o entardecer. Mal tinha comido naquele dia. Sentiu fome e foi buscar umas espigas de milho que debulhou. Reavivou, antes, o fogo da lareira e colocou em cima das pedras o fundo de uma panela de barro que se partira. Servia-lhes, agora, para fritar o milho. Aquecidos, os grãos saltitando alegres abriam-se em rosinhas brancas que logo escureciam ao contacto longo com a vasilha. Deitou tudo para o pilão e após um trabalho monotono de bate-bate, conseguiu moer o milho. Num «dafatic» separou o pó dos graozinnos que resistiram à força esmagadora do pau de pilão. Juntou tudo num cestinho, botou um pouco de sal e piri-piri e pôs-se a comer. De vez em vez, o pó engasgava-lhe e, então chegava à boca a caneca de água que vazava de um comprido bambú com que a mãe ia buscar ao regato.

O astro-rei era um enorme bola avermelhada emprestando ao poente uma coloração embriagante, carmeando os cirro-estratos numa grandeza de cambiantes em que o amarelo-oiro resplandecente fugia esfumado num ressalto ao azul ainda puro, insondável que cobria o céu.

Entretanto, a leste, a lua espiava.

— A noite vai ser bela.

— Sim e vocês não se põe a andar?

— Pois é. Mau Coli acabaste?

— Já, Pai. Podemos ir.

— Eh! Não te esqueceste de nada? levas aí tudo?

— Se levo e espero que sirvam.

— Não demorem muito.

— Não esteja em cuidados, mãe.

Conversando e tendo ido por outro atalho, depressa chegaram ao grande gondoeiro, local sagrado onde montinhos de pedras

(Continua na pág. 2)

28/7/75